

## A VACA CRISTALINA

CURSINO

**José Liberato Costa Póvoa**

Faculdade de Direito

Coriolano assuntou os longes da campina azulando os contornos do ceuzão emborcado sobre o mundo. A tarde lusco-fuscava e a friagem do início da seca zunia um vento frio e cortante adormecendo-lhe as orelhas e a ponta do nariz. Sentado na cabeça do moirão da porteira do curral, aboiava, enquanto as vacas de leite, lerdamente, vagorosamente, iam chegando uma a uma, atraídas pela voz familiar do vaqueiro ecoando no vaquejador, imitando o berrante:

— Óoooo! Veeem! Óoooo! Veeem! . . .

No fundo do curral de Pouso Calmo, Cunegundes apartava a bezerrada para o chiqueiro. Era o filho, que, ainda com seus doze anos, fazia parelha com o pai no campo e nas labutas do curral.

— Gunde, deixe esse bezerrinho monjol mamar um tiquim mais, meu fio!

— Inhô, sim!

Naquela tarde, o vaqueiro estava preocupado. Fosse outro vaqueiro, botaria a cabeça em cima do travesseiro e dormiria tranqüilo. Mas Coriolano era um Aguiar. E os Aguiar eram legendários, como os melhores vaqueiros que pisaram no sertão. No Campo Alegre, Zuza Aguiar; no Morro Azul, Landolfo Aguiar; no Plano Alto, Menegildo Aguiar; na Serra da Caravela, Copetino Aguiar; Coriolano, no Pouso Calmo; na Bonina, o velho Ascendino Aguiar, pai de sete filhos, todos vaqueiros, todos com

mais de quinze anos de vaqueirice na mesma fazenda; o velho, com mais de quarenta só na fazenda Bonina, da família dos Pereira. A fama dos Aguiar era em tudo: duros de escanção, nunca houve notícia de que um Aguiar tivesse sido cuspidado da sela; cuidadosos, o gado estava sempre gordo, bem tratado e manso. Os Aguiar eram mesmo lendários. Quando o dia quebrava a barra, os Aguiar estavam com o leite tirado. O Major Pereira, quando comprara a Bonina, quarenta anos atrás, observou que a fazenda não dava lucro, por melhores que fossem os vaqueiros. Os bezerros morriam misteriosamente, ali mesmo no mato onde eram paridos; o gado vivia esguaritado em fazendas vizinhas e nas capoeiras e não pisavam na Bonina de jeito nenhum, havendo reses que não sabiam o que era curral. A fama de Ascendino Aguiar, um mulato robusto de trinta e poucos anos, começou a nascer quando a fazenda Bom Dia, que pegava quarenta bezerros, passou a pegar noventa no mesmo ano em que Ascendino entrara de vaqueiro. E o gado era o mesmo de sempre. Major Pereira foi atrás dele no Bom Dia para levar pra Bonina. Mas a fidelidade dos Aguiar não era inventada, era herdada. Ascendino, apesar de paupérrimo, preferiu ficar com o patrão, fazendeiro fraco, a seguir com o Major, homem podre de rico, que lhe oferecia e podia cumprir as vantagens da Bonina. Precisou que o Major pagasse muito dinheiro ao patrão para liberar o vaqueiro, que não queria sair de jeito nenhum. O dinheiro foi tanto, que o patrão até brigou com Ascendino e pô-lo pra fora da fazenda. E Ascendino foi com seus sete filhos vaqueirar na fazenda do Major Pereira. A primeira coisa que fez foi botar os filhos para acompanharem cada vaca nas horas de parir. E o moleque encarregado acompanhava a vaca e o bezerro por vários dias, dormindo no mato, chovesse ou fizesse sol. E foi assim que descobriu a causa da mortandade de bezerros: eram morcegos, que, abundantes nas matas escuras da fazenda, chupavam os bezerrinhos ainda monjolos, pesteando-os e levando-os aos urubus. Dali pra frente, enquanto as vacas pariam na roça de pasto da porta da fazenda, a meninada dizimava os morcegos, destruindo-lhes os ninhos a poder de fogo. E com o exterminio dos quirópteros, a Bonina, que pegava setenta bezerros,

subiu para trezentos e tantos. Restava o gado brabo, que não parava na fazenda, vivendo esguaritado nas capoeiras das fazendas próximas. Isto fez Ascendino passar vários meses vivendo praticamente na sela do animal com os meninos: traziam o gado para a fazenda e soltavam; o gado voltava; Ascendino retornava em cima da bucha e trazia o gado novamente. E durante meses fez isso, só parando para dormir. Madrugadinha, já partia para trazer o gado, que, de tanto ser tocado pra Bonina, acabou por ir amansando-se e aquietou-se, não fugindo mais. E os Aguiar nunca usaram cachorro para ajudar no campo; e o cachorro sempre foi um segundo vaqueiro nas ajudanças da fazenda. Mas a identidade dos Aguiar com o gado dispensava a ajuda do cachorro. Os Pereiras, descendentes de fidalgos, eram gente muito cismada, e poucos vaqueiros tinham dado certo com eles. Quando davam certo, eram dois ou três meses. Mas Ascendino era um vaqueiro completo: madrugadinha ainda, entrava no curral com a filharada e labutava em tamanho silêncio, que só se ouvia o mugir do gado, pois nem mesmo os meninos eram capazes de dar um grito numa vaca maluda ou num bezerro mais rebelde. Na fazenda, o Major quebrava o jejum com o requeijão ainda quentinho e comia beiju com manteiga de garrafa extraída pelos sacolejos da prestativa vaqueira; não estando na fazenda, ainda assim o patrão não deixava de comer o requeijão quente no quebra-jejum, pois Ascendino, para atender aos mínimos caprichos da patroagem, levantava-se no canto do galo pra fazer o requeijão, que, embrulhado em folha de bananeira, era levado por um dos meninos, a galope, devorando as três léguas que separavam a Bonina da rua, pra chegar no acordar do patrão. Nunca o Major Pereira deixou de comer o requeirão diário. Mas os Aguiar não eram só isto. A fidelidade era a tal ponto, que, na ferra, Ascendino botava sua marca de um lado e a do patrão do outro, na cria que lhe coubesse por sorte. Era o modo como seu pai, que aprendera do avô, lhe ensinara a ser fiel e a ter confiança no patrão. Crescidos os filhos, cada um foi ramificando a tradição dos Aguiar noutras fazenda: Coriolano foi para o Pouso Calmo; Zuza, para o Campo Alegre; Menegildo, para o Plano Alto; Landolfo, para o Morro Azul; Copetino, para a Serra

da Caravela. Os outros dois, Evilásio e Berto, ficaram com o velho, cujos setenta e tantos anos teimavam em aposentá-lo à força, apesar de ser sua vontade a de morrer no curral, onde aprendeu a entender o gado e a ser por ele entendido. O patrão, Manduca Pereira, filho do Major, teimava em conceder-lhe sorte como se ativo estivesse, mas a honestidade de Ascendino não achava direito ganhar a sorte sem suar por ela; também não achava certo receber o dobro do que vinha recebendo há quase meio século, sob alegação de recompensa. Primeiro, o patrão; depois, o gado; depois, o vaqueiro: esta era sua filosofia; e a dos filhos, que souberam dar continuidade à fama dos Aguiar: havia um Ascendino dentro de Menegildo, de Zuza, de Berto, de Landolfo, de Copetino, de Evilásio, de Coriolano. Em todos havia o sonho de morrer labutando no curral e de ser enterrado, se possível, montado em seu cavalo de campo.

Coriolano viu desconsolado a cortina da noite envolver o mundo e foi descendo do moirão da porteira:

— Gunde, a Cristalina falhou hoje, Gunde. Só indo atrás dela. Vá ao peeiro pegar o cavalo melado, enquanto vou lá dentro pegar a capa. O barradão do lado da serra é sinal de muita chuva.

O menino saiu com o cabresto, enquanto Coriolano vestia a perneira e o gibão, calçava as esporas no pé rachado e ombreava a capa de mangaba.

— Falhou alguma vaca? — perguntou a mulher, sem tentar demovê-lo, acostumada a vê-lo sair a qualquer hora da noite e a dormir no mato atrás de gado.

— Cristalina falhou! Desde o pender do sol que ela não aparece.

Cristalina era como gente de casa. Filha, até. Enjeitada quando a mãe morreu num atoleiro, fora criada na mamadeira dentro de casa. Crescida, comia no pátio, vinha lambe sal na mão de Cunegundes, desde que o menino ensaiava os primeiros passos; quando menos se esperava, Cristalina adentrava a casa como se fosse um cachorro ou um gato; servia de boi-de-carro, quando faltava algum pra completar a junta; isto, sem se falar nos dias em que se montava na vaca branca e se passeava pela

fazenda como se fosse um jumento manso. Cristalina era tão certa na hora do aboio, que sua ausência inesperada foi tomada como um mau agouro.

Coriolano escanchou no cavalo e ganhou o pátio. O céu ameaçava desabar sob o peso das nuvens negras e carregadas. Ao sair do pátio, topou com Euricão, vaqueiro da Vivacidade, que passava para o Jaburu:

— Cumo vamo, Coriolano ?

— Aqui assim, Orico. Pr'onde vai ?

— Pegá um gado no Jaburu.

— De noite?

— Não. Já tá encurralado. Vou de dormida. Amanhã é só tanger. E ocê, adonde vai todo emperneirado e de capa ? Pra Bonina ?

— Não, caçar uma vaca que falhou. Tá com dias que não piso na Bonina. Cê passou por lá ?

— Passei. Bem verdade que nem desapeei. Só encostei pra beber um caneco d'água.

— Notícia do velho, cê dá ?

— Dou. Ele tá meio adoentado, mas deve ser coisa besta. Só moleza no corpo, mas tá caminhando.

— Amanhã vou lá.

— Pois bom, vou chegando, Coriolano. Até mais ver !

— Querendo Deus, Orico !

E os dois apartaram-se. Coriolano não sabia por onde começar. Se fosse outra rês, era fácil, pois ele conhecia, de cor e salteado, cada cabeça das malocas de Pouso Calmo. Mas Cristalina era uma vaca todo especial: vivia quase dentro de casa e pastava no pátio desde bezerrinha. Era tão especial, que só lá uma vez ou outra dava cria, quando, no recenseamento, época em que se reunia todo o gado, algum touro se engraçava por ela. Forante essas ocasiões, vivia sempre solteira. Sempre gorda e mansinha, Cristalina era o cartão de visitas da fazenda. Quando um andejo trafegava em noite escura naquelas bandas, o contraste da brancura de Cristalina, parecendo em lençol estendido no coradouro, mostrava que ali era o terreiro do Pouso Calmo. A vaca era como um cachorro bandoleiro, atrás de Coriolano,

aonde ele andasse: se ia para o campo, ela ia atrás; se ia visitar o velho Ascendino na Bonina, a légua e meia dali, da mesma forma. Até o velho Ascendino, nascido e criado no meio do gado, admirava-se da humanidade do animal, que, de vez em quando, aparecia na Bonina sozinha para lamber sal na mão do velho, voltando ao Pouso Calmo antes do pôr do sol. Fazia isto sempre e conhecia o velho tão bem, que lhe adivinhava os sentimentos: uma vez, quando ele caiu de um cavalo xucro mercê da idade avançada, ela passou vários dias indo diariamente à Bonina, como se fosse para visitar o velho, e só parou de ir quando o enfermo se recuperou e pôde vir dar-lhe sal para lamber na mão. Mas jamais deixara de vir ao curral na hora do aboio. E aquela falha da vaca era inexplicável para Coriolano. Teria sido cobra? Atoleiro? O negócio era ir atrás mesmo, pois ela podia até estar enganchada num cipó ou caída numa grota, em vias de morrer.

A noite escura não permitia a Coriolano ver um palmo diante do nariz. Mesmo assim, passou a noite rondando nos pés de morro e nas malocas de que a constância das vaquejadas ensinara à montaria o caminho. Tomou chuva e, cortando mato, rodeando grotas e vadeando riachos, foi sair, já o dia clareando, na estrada que levava à Bonina. E sacudiu os cascos do animal naquela direção, na esperança de encontrar a vaca, que soía vagar por ali também. Tremendo de frio e ombreando a pesada capa de mangaba, Coriolano bambeava de sono, quase a ponto de cair da montaria, cujo balançar peneirado embalava o sono que já estava quase traindo seus olhos vermelhos. Mas ele resistia.

Cerca de meia légua da Bonina, dia claro, o bater de cascos de animal no barro duro desperta-o do quase sono. Coriolano pára, senta-se na cabeça da sela e espera. O tropel apressado encurta a distância em sua direção. Súbito, levou o maior susto quando Cristalina especou bem na sua frente. A vaca parou, ficou um momento olhando para o vaqueiro, depois rodeou por trás do cavalo, deu meia-volta e desceu de novo a ladeira que subira há pouco, na mesma pressa com que viera.

— Óoooa, Cristalina! Óoooa! . . .

A vaca, que desde bezerrinha obedecia cegamente ao chamamento de Coriolano, só fez parar, dar um berro comprido, para depois continuar correndo na direção da Bonina.

— Ooooa ! Ooooa ! Veem ! Veem ! . . .

Daí a pouco, Cristalina pára, como se tivesse finalmente reconhecido a voz de Coriolano. Esperou que ele se aproximasse e quase lhe passasse a mão no lombo lustroso. Quando ele se aproximou, ela tornou a berrar e voltou a correr. Aí, Coriolano não contou conversa: chamou o cavalo nas esporas e saiu atrás da vaca, comendo as quebradas da serra com a voracidade que a firmeza dos cascos do melado permitia. Cristalina, com o rabo empinado, corria sem parar. De vez em quando, a capa ameaçava escorregar do ombro do cavaleiro, que sofrea o animal para ajeitá-la; a vaca também retardava a marcha, parecendo querer guardar a mesma distância que a separava de Coriolano.

A perseguição continuou. Coriolano, exímio cavaleiro, de vez em quando cortava volta pelo mato e tomava a vaca pela frente. Esta, quando isto ocorria, demonstrava uma indocilidade que pasmava, arremetendo-se contra o vaqueiro e entrando no mato para ganhar a estrada lá adiante. Foi assim até atravessar o córrego que limitava a Bonina. Ao atravessá-lo, encontrou Evi-lásio e Berto, que iam avisar os outros filhos que o velho Ascendino, após passar a tarde e a noite incomodado, viera a falecer ao romper daquele dia.

Dali mesmo, Cristalina tomou a estrada do Pouso Calmo e voltou berrando um berro triste, caminhando vagarosamente até sumir na primeira curva depois do córrego.